



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Romances da Reconquista

(Versões trasmontanas)

1 — Entre os romances ou xácaras, provenientes, com maior ou menor alteração e adulteração, das guerras da Reconquista cristã no território português, alguns há com revelação de traições de cristãos perjurados, que se bandearam com os Mouros, ora por interesse afectivo, ora por cálculo político.

Uns conterão matéria local, depois generalizada na comunidade espiritual de quantos combatiam pela mesma fé; os factos, porém, repetidos oralmente, não faziam mais do que avultar a primeira narrativa.

Outros teriam sido criados pela imaginação dos jograis, animados do exemplo e estimulados por episódio singular.

Para o caso português, dessas canções de castelos e de acampamentos ou arraiais, onde porventura se geravam ou tinham eco para lição moral dos guerreiros, umas vinham das diversas zonas do combate imenso, extravagantes, e outras nasciam dos acontecimentos portugueses ou adaptavam-se a factos determinados. De boca em boca, de geração em geração, de sentimento em sentimento, deformavam-se por elisão, desdobração e intercalação ou imiscuição de parcelas de romances com romances mais ou menos associados em paralelismos e convergências.

Os episódios romanceados no assunto indicado não são mais que trechos originariamente escritos e propalados na tradição oral, ou forma oral de origem espontânea e oralmente conservada. Há-os, adaptados de romances lá de fora, por mérito de analogia.

Não é de admirar a manifestação deste género poético. Encontramos o assunto nas narrativas, crónicas, nobiliários medievais. Recorde-se por exemplo

a lenda de El-Rei *D. Ramiro* das Astúrias, que vai subir o Douro e chega ao castelo de Gaia, onde o rei mouro Abencadão, numa das versões, Alboazar Alboçadâm, em outra, lhe guardava a mulher e rainha, filha de Meyer de Salvaterra ou Minhor, respectivamente, e trega à fé de cristãos como à fidelidade matrimonial. «Choro por o mui bom mouro que mataste», afirmou ela, quando já D. Ramiro a resgatara por sua ousadia. Contam-nos o episódio lendário *Os livros de Linhagens* ⁽¹⁾. Outro episódio é o de *Branca-Flor*, a cujo entrecho alude Garrett no *Romanceiro* com estas palavras: «Esta volta de cativos e renegados christãos para as suas terras, fugidos com as jóias de seus senhores infieis, é uma feição muito sabida, e commum nas lendas populares» ⁽²⁾.

A rainha era cristã, casou com o rei mouro; chamou à guerra os mourinhos; exigiu-lhes uma cristã cativa, não de baixa estirpe, mas de sua igualha, gente de algo. Eles trouxeram-lhe *Branca-Flor*, casada com o *Conde Flores*, que mataram, quando vinham ambos de romaria votiva a Santiago de Galiza. A rainha reconheceu na cativa a irmã:

— «Ai triste de mim, coitada,
Ai triste de mim, mofina,
Mandei buscar uma escrava,
Trazem uma irmã minha!»

As duas, por fim, juntaram muita riqueza em ouro e pedras; uma noite, fugiram da Mourama, e voltaram a terras da Cristandade, aí deram entrada num mosteiro, professando no mesmo dia ⁽³⁾.

⁽¹⁾ *Portugaliae Monumenta Historica, «Scriptores»,* vol. I, págs. 180-181 e 257 e ss. Não interessa agora ao caso a discussão sobre as origens do romance peninsular com suas variantes (Armando de Matos, *A lenda do Rei Ramiro e as armas de Viseu e Gaia*, Pôrto, 1933, págs. 19-49). Apenas importa a existência da lenda.

⁽²⁾ Garrett, *Romanceiro*, edição ilustrada, Lisboa, 1904, vol. I, pág. 158: «Rainha e Cativa».

⁽³⁾ L. Chaves, «Branca-Flor e Flores», romance das guerras com os Mouros, versões trasmontanas (notas folclóricas), *O Instituto*, de Coimbra, 1940.

Outro romance, que se prende ao mesmo ciclo ibérico dos renegados ou perjuros, é o que em Trás-os-Montes tem os nomes de *O Mouro e Canta, Mouro*, este proveniente do primeiro verso — «Canta, Mouro; canta, Mouro».

*

2 — A môça renega da alma, e pretende associar-se a um mouro cativo em ferros do senhor seu pai. Fala-lhe, e incita-o a cantar. Responde-lhe o cativo que não podia cantar, assim prêso. Ela insiste, promete-lhe alargar os ferros, ao que o prisioneiro corresponde:

— «Se m'os alargais, senhora,
commigo a levaria.»

Dito e feito, prometido é devido. Um e outro cumpriram. Ela soltou o homem. Ele com ela se partiu; «levava-a sete léguas, — nem uma fala lhe dizia».

Ao cabo das sete léguas, a renegada avistou grandes tôrres ou picos, palácios da Mourama. O Mouro explicou: umas eram da mãe, outras de uma tia dêle, as últimas da mulher (versões de Vinhais e de Maçores) ou amiga (v. de Duas-Igrejas), estas de maior estrondo. Tôrres, em Vinhais; palácios, em Duas-Igrejas e Maçores. Eram de alta categoria social os dois, êle filho de Rei.

De ouvir falar ao Mouro na espôsa com enternecimento,

«.....espôsa,
a quem eu tanto *le* queria».

a Cristã, desiludida do seu fim ambicioso, perguntou-lhe que faria dela:

«se me levas por espôsa,
se me levas por amiga».

Sem rodeios, o fugitivo declara as intenções: nem espôsa, nem amiga, escrava, sim, da sala e da cozinha (Vinhais), escrava para toda a vida (Duas-Igrejas)

e Maçores). Anuncia-lhe também o tratamento, que vai sofrer.

A rapariga, ali mesmo, invoca a «Virgem, Nossa Senhora» (Vinhais). Na versão de Duas-Igrejas, é a «Virgem Senhora da Lapa»; na de Maçores, «Minha Senhora da Serra». Faz a promessa.

— «Virgem Senhora da Lapa!
Ouvi-me, ó Virgem Maria!
Se me prenderdes o Moiro,
eu de oiro te vestiria!» Duas-Igrejas

— «Minha Senhora da Serra,
.....
tendes *la* coroa de prata,
meu pai de ouro vo-la daria,
se me levasses o Mouro
à prisão que meu pai tinha!» Maçores

Palavras não eram ditas, o milagre operou. O Mouro estava na prisão. A vingança da ambição malograda expõe ao cativo as penas do cativeiro. O romance mantém o paralelismo da acção nas intenções análogas das duas personagens, quando vencedoras. No de Vinhais, êle anunciava à escrava:

«hei de te dar de soldada
sete tundas cada dia»;

a cristã, lamentando-o de não viver como poderia (Duas-Igrejas e Maçores), faz que o pai anuncie ao cativo, no fim de outros tormentos designados:

«Hei de *te* dar por soldada
sete tundas cada dia.»

No regresso ao palácio paterno, o pai vê a rapariga, e pergunta-lhe donde vem (Duas-Igrejas e Vinhais). Ela resolve a dificuldade. Vem da romaria.

— «Venho da Senhora da Lapa,
de cumprir a romaria.» Duas-Igrejas

— «Venho da banda de além,
de cumprir a romaria.» Vinhais

Então, acusa o Mouro, que levou na companhia, e no meio do caminho fôra descortês. Dá por isso ocasião à enumeração dos castigos «antes que amanhaça o dia».

Na versão de Duas-Igrejas, o pai não acredita na explicação da filha; ela assegura-o:

— «Não minto, não, ó meu pai,
que eu nunca lhe mentiria!»

E' o romance de duas almas inimigas, lanceadas por estímulos diferentes, qual delas perjura a seu modo, inferior à do cativo a má fé insistente da cristã.

*

3 — Na observação do episódio particular, prova de factos de ordem mais extensa, que atingia por vezes negócios do Estado, — e lembra-me agora a narrativa de Alexandre Herculano, *O alcaide de Santarém* (1), — apenas pretendo traçar o quadro. Representa um dos aspectos da luta, sem quartel, de raça, de religião e de psicologia, travada na Península.

E, para o conseguir, limitei-me a considerar versões trasmontanas, registadas. Da comparação recíproca dimana o conhecimento do assunto na sua forma total. Cada versão está para o todo, como dois ou três espelhos para a mesma luz.

Dizeres populares, como a emoção do pedido: «canta, *pela tua vida*»; «diz-me, *pela tua vida*»; a satisfação experimentada pela rapariga, quando avistou a magnificência da cidade aonde se dirigia com o Mouro; o sobressalto dela, perante o futuro desvendado; a vingança em que faz colaborar sem íntimo arrependimento a Virgem, invocando-a apenas como troca mercantil de baixo Cristianismo, fórmula popular de fé afogada em superstição feiticista; o singular «feitiço contra o feiticista», que se volta do Mouro à

(1) A. Herculano, *Lendas e Narrativas*, 17.^a ed., Lisboa, s/d., I, pág. 45, passim.

rapariga e desta ao Mouro; vocábulos e formas expressivas do povo, como *relumbriar* (re + alumbrar), *espalvorida* (espavorida), *tunda* (sova), *cargar* (carregar), *drumes* (durmes — dormes); *palavras não são ditas*, ou, no singular, *palavra não era dita*; *onça*, medida velha; *le* — *lhe*; *donde* — *onde*; *la* (ant. a); construções verbais e sintáticas: *'stá-te agora preso* (forma imperativa), *se me valeis algum dia* (expressão de futuro); *meter estrondo* = *fazer estrondo*; — todos estes fenómenos lingüísticos, juntamente com as revelações de carácter psicológico, denotam a origem e a continuidade popular das versões. Mais completos seriam, se a colheita mantivesse integralmente a dicção ouvida.

E' provável que tenham sido colhidas outras versões na zona folclórica de Trás-os-Montes, formada pelas Terras de Bragança e Miranda, com suas influências para o sul do Distrito. Bastam-nos as versões de *Vinhais*, *Duas-Igrejas* (Miranda) e *Maçores* (Tôrre-de-Moncorvo), para reconhecer a unidade fundamental do romance, a que as variantes dão, quando muito, côr local.

Em Vinhais e Maçores, é o romance conhecido pelo nome de *O Mouro*; em Duas-Igrejas, por *Canta, Mouro, canta, Mouro*; além, por causa da personagem principal; aqui, em razão de ser assim mesmo o primeiro verso da narrativa, consoante ao que já ficou dito.

4 — Versões.

“O Mouro”.

- «Canta, Mouro; canta, Mouro; canta, pela tua vida!»
- «¿ Como cantara, senhora, se eu em ferros não podia?»
- «Canta, Mouro; canta, Mouro, que eu t'os alargaria!»
- «Se m'os alargais, senhora, commigo a levaria.»

Levara-a sete léguas,
nem uma fala lhe dizia;
ò cabo dei sete léguas,
altas tórres *relumbriam*.
— «Diz-me tu, ó pèrro mouro,
diz-me, pela tua vida,
de quem são aquelas tórres,
que d'ò longè *relumbriam*?»
— «Umás são de minha mãe,
outras de uma tia minha,
outras são de minha espôsa,
a quem eu tanto *le* queria.»
— «Diz-me tu, ó pèrro Mouro,
diz-me, pela tua vida,
se me levas por espôsa,
se me levas por amiga.»
— «Nem te levo por espôsa,
nem te levo por amiga,
levo-te por minha escrava
da sala e da cozinha.
O pão te darei por onças,
e a água por medida;
hei-de te fazer a cama
donde o cavalo dormia;
hei-de te dar de soldada
sete tundas cada dia.»

— «Ó Virgem, Nossa Senhora,
se me valeis algum dia!
Tornai-me êste pèrro Mouro
às prisões, que meu pai tinha!»

As palavras não são ditas,
Mouro para trás voltaria.
Chegou à entrada do palácio,
seu pai muita pena sentira.

— «¿ Donde vens, ó minha filha,
donde vens tão *espalvorida*?»
— «Venho da banda de além,
de cumprir a romaria;
êste ladrão dêste Mouro
foi na minha companhia.»

Lá no meio do caminho
 fez-me uma descortesia.»
 — «O pão l'hei de dar por onças,
 e a água por medida.
 Hei-de *le* dar por soldada
 sete tundas cada dia.
 Hei de o car'gar de ferros
 antes que amanheça o dia!»

VINHAI. Ab. José Augusto Tavares,
Cancioneiro Trasmontano, em *Revista Lusitana*, vol. IX, p. 305, n.º 71.

“O Mouro”.

— «Canta, Mouro; canta, Mouro;
 canta, pela tua vida!»
 — «¿ Como cantarei, senhora,
 aqui na prisão metido?»
 — «Vamos, Mouro; vamos, Mouro;
 vamos para a Mouraria.»

Lá no meio do caminho
 ricos palácios lá vira.
 — «¿ De quem são aquel's palácios,
 que tanto estrondo metiam?»
 — «Um era de minha mãe,
 outro era de minha tia,
 outro da minha mulher,
 o que mais estrondo fazia.»
 — «Diz-me, Mouro; diz-me, Mouro;
 diz-me, pela tua vida,
 se me levas por mulher,
 se me levas por amiga.»
 — «Nem te levo por mulher,
 nem te levo por amiga;
 levo-te por uma escrava,
 escrava de tôda a vida.»

— «Minha Senhora da Serra,
 que estais lá tão metidinha,
 tendes *la* coroa de prata,
 meu pai de ouro vo-la daria,

se me levasse o Mouro
 à prisão, que meu pai tinha!»

Palavra não era dita,
 Mouro na prisão estaria!
 — «Podias comer bom pão,
 melhor que El-Rei comia;
 agora comes da palha,
 que meu cavalo não queria!
 Podias beber bom vinho,
 melhor que El-Rei bebia;
 agora bebes da água,
 que meu cavalo vertia!
 Podias dormir boa cama,
 melhor que El-Rei dormia;
 agora *drumes* na corte,
 prêso à estrebaria!»

MAÇORES (Tôrre de Moncorvo).
 Ab. José Augusto Tavares, *Romanceiro Trasmontano*, em *Revista Lusitana*,
 vol. IX, p. 316, n.º 91.

“Canta, Moiro; canta, Moiro”.

— «Canta, Moiro; canta, Moiro;
 canta, pela tua vida.»
 — «Como cantarei, senhora,
 eu nesta prisão metido!»
 — «Quanto deras tu, ó Moiro,
 a quem dela te tirara?»

— «De quem são aqueles palácios,
 que tão longe *relumbriam*?»
 — «Um era de minha mãe,
 outro duma minha tia;
 o que mais estrondo mete,
 era duma amiga minha.»
 — «Diz-me tu agora, Moiro,
 ó Moiro da Moiraria,
 se me levas por espôsa,
 [se me levas por amiga].»
 — «Não te levo por espôsa,

nem te levo por amiga,
levo-te por escrava,
escrava p'ra tôda a vida».

— «Virgem Senhora da Lapa!
Ouvi-me, ó Virgem Maria!
Se me prenderdes o Moiro,
eu de oiro te vestiria!»

Palavras não eram ditas,
o Moiro à prisão metido.

— «Bem puderas, tu, ó Moiro,
ó Moiro da Moiraria,
comeres do melhor pão,
assim como el-rei comia,
beberes do melhor vinho,
assim como el-rei bebia,
dormires em boa cama,
assim como el-rei dormia!
'stá-te agora prêso, ó Moiro,
prêso por tôda a vida!»

— «De onde vens, ó minha filha?
De onde vens, ó filha minha?»

— «Venho da Senhora da Lapa,
de cumprir a romaria.»

— «Não me mintas, minha filha,
não me mintas, filha minha.»

— «Não minto, não, ó meu pai,
que eu nunca lhe mentiria!»

D'UAS-IGREJAS (conc.º de Miranda).
Leite de Vasconcellos, *Opusculos*, vol. VII
(Lisboa, 1938), p. 1045-1047, n.º XIX.

Esta versão parece mixta, isto é, por alguns passos parece revelar influências das duas anteriores; v. gr. a confusão de *relumbriam* («aqueles palácios, — que tão longe relumbriam») e *mete estrondo* («o que mais estrondo mete»), perfeitamente isolados na versão de Vinhais («relumbriam») e na de Maçores («meter» e «fazer estrondo»).

LUÍS CHAVES.